CADERNO ESPECIAL

Fé e Cidadania

O SÃO PAULO
Edição 29
23 de julho de 2025

Use o QRCode para acessar o Caderno Fé e Cidadania na internet, com mais artigos e *links* citados.

E Leão XIII tinha razão

Arte: Sergio Ricciuto Conte

Francisco Borba Ribeiro Neto*

Quem é o Papa do qual Leão XIV quis ter o nome? Leão XIII é conhecido por sua encíclica* Rerum Novarum*, mas sua contribuição é muito maior. Em tempos de grandes mudanças, como os atuais, seu exemplo merece ser estudado e seguido. Neste* Caderno Fé e Cidadania*, recuperamos aspectos de sua figura e contribuição, particularmente profética ao observarmos a história do século XX. É importante recuperar o contexto de seu tempo para o adequado seguimento ao caminho por ele traçado. O mundo mudou muito, é importante nos voltarmos à essência de seus ensinamentos, orientados pela caridade e sabedoria cristã, sem nos prendermos a formas contextuais ultrapassadas.

No final do século XIX, a Igreja Católica parecia encurralada diante do desenvolvimento da sociedade ocidental. Os Estados Pontifícios, que configuravam o poder temporal do papado, haviam desaparecido em 1870 com a unificação italiana. Os ideais liberais orientavam os Estado democráticos, tirando relevância dos nobres que apoiavam a Igreja. O operariado nascente se rebelava contra o tratamento injusto nas fábricas – e crescia a crítica à religião como "o ópio do povo". O desenvolvimento científico parecia maravilhoso e o positivismo apresentava a religião como superstição...

Nesse contexto, após a morte de Pio IX, em 1878, despontou no Conclave o Cardeal Vincenzo Gioacchino Pecci, eleito Papa Leão XIII. Tinha 67 anos, era um intelectual refinado, reconhecido como diplomata habilidoso, capaz de bom diálogo com os governos anticlericais europeus, além de ter sido por 30 anos arcebispo em Perugia, destacando-se pelo trabalho pastoral e atenção às obras sociais em favor dos pobres.

Leão XIII manteve o confronto com o governo italiano, que a Santa Sé considerava ter usurpado o território da Igreja ao ocupar os Estados Pontifícios, e uma posição crítica aos governos liberais. Contudo, não ficou determinado pelo enfrentamento político. Percebeu que era mais importante apontar respostas construtivas, iluminadas pela sabedoria católica, aos problemas de seu tempo. Assim, incentivou o diálogo entre fé e ciência e as organizações católicas atuantes na sociedade civil.

Sua contribuição mais conhecida foi a primeira sistematização da Doutrina Social da Igreja, na encíclica *Rerum Novarum*. Com distanciamento crítico das posições liberais e socialistas, apresentava um caminho para superação dos problemas sociais: não o confronto, mas a cooperação construtiva entre classes sociais, buscando o bem comum. Não era posição ingênua: denunciava explicitamente as injustiças praticadas pelos patrões, que implicava em uma ação do Estado em defesa dos trabalhadores; bem como os desvios ideológicos das lideranças sociais, que se valiam do justo descontentamento dos operários para propor soluções que trariam mais sofrimento.

A história do século XX mostrou que a via sugerida por Leão XIII era a mais eficiente e viável. Os países que lograram maior desenvolvimento humano, com crescimento econômico e melhor qualidade de vida, conseguiram isso com a harmonia entre expansão capitalista, respeito aos direitos dos trabalhadores e promoção humana. Na Europa, esse caminho foi conseguido pelos "Estados sociais", que se responsabilizaram pelos retornos sociais da riqueza produzida. Nos Estados Unidos, os empresários desde o século XIX se deram conta de sua responsabilidade social, criando rede de iniciativas voltadas à promoção humana que melhoravam as condições de vida dos trabalhadores e subsidiavam o desenvolvimento capitalista. Mesmo a China atual, partindo de realidade comunista, teve de reconhecer que mercado e empresariado responsável eram necessários para o desenvolvimento econômico.

Todos os caminhos apontados corroboram que Leão XIII, na *Rerum Novarum*, tinha razão. Mas não é apenas isso! Ao promover o diálogo entre fé e ciência ou incentivar as organizações sociais católicas, traçou também o caminho mais adequado para a Igreja do século XX. O melhor do catolicismo atual, mais de 120 anos depois de sua morte, corrobora o acerto de suas intuições.

Leão XIII estabeleceu ainda o modelo do papado moderno como voz moral nos assuntos globais. Sua disposição de abordar questões sociais, culturais e políticas, combinada com habilidades diplomáticas e credibilidade intelectual, posicionou o papado como força significativa no discurso internacional sobre justiça, paz e dignidade humana.

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do **O SÃO PAULO**.

As muitas contribuições de um papa extraordinário

Redação

O longo pontificado de Leão XIII (25 anos, de 1878 a 1903), marcou um ponto de virada na forma como a Igreja Católica se relacionava com a modernidade. Em vez de vê-la como inerentemente hostil à fé, procurou identificar o que era valioso nos desenvolvimentos contemporâneos, mantendo os princípios católicos centrais. Suas inúmeras encíclicas abordaram tópicos que vão desde estudos bíblicos até a teoria política, sempre com foco no engajamento construtivo, e não na mera condenação.

A retomada tomista e a ciência. Ainda que seu legado mais conhecido seja a encíclica *Rerum Novarum* (1891), Leão XIII demonstrou notável coragem intelectual ao se engajar com os desenvolvimentos filosóficos e científicos contemporâneos. Sua encíclica *Aeterni Patris* (1879) repropôs o diálogo entre a fé e a razão, condenando o racionalismo, que nega a fé, e o fideísmo, que nega a razão, além de valorizar o tomismo, não como retorno ao pensamento medieval, mas como caminho para a reflexão católica moderna.

Com isso, abriu espaço para o diálogo com a ciência moderna, a filosofia e a teoria social. Incentivou o estudo da astronomia, das ciências naturais e da crítica histórica, recriou o Observatório Astronômico do Vaticano e abriu os Arquivos Secretos da Santa Sé para pesquisadores. Em sua encíclica *Providentissimus Deus* (1893), reviu o estudo das Sagradas Escrituras, reconhecendo a contribuição dos estudos científicos e dos métodos críticos, ainda que preservando o caráter revelado dos textos bíblicos.

Leão XIII demonstrou também uma notável abertura às novas tecnologias. Foi o primeiro papa a ser oficialmente fotografado e filmado, pois viu na fotografia uma oportunidade de aproximar a figura do pontífice dos fiéis, tornando a Igreja mais visível em um mundo em rápida mudança. Além disso, acolheu outras inovações, como a eletricidade, que instalou no Vaticano, e o uso do telégrafo nas comunicações da Santa Sé.

Leão XIII. Fonte: Wikipedia. Colorizado por Copilot

Leão XIII foi um pontífice que rompeu com a postura defensiva da Igreja de seu tempo, buscando um engajamento ativo e construtivo com os desafios modernos, deixando um legado que continua a influenciar o pensamento católico e sua relação com o mundo.

Um novo papel para o papado no mundo. Sua abertura intelectual estendeu-se ao contexto internacional. Trabalhou ativamente tanto para melhorar o relacionamento entre a Igreja Católica e vários governos europeus quanto para expandir o alcance global da Igreja, estabelecendo novas dioceses em regiões em desenvolvimento, e mostrando particular preocupação com a missão da Igreja na África, Ásia e Américas

Leão XIII e seu tempo

*Marli Pirozelli N. Silva**

A Rerum Novarum reflete as tensões de um tempo de profundas transformações, revelando o olhar realista e corajoso de Leão XIII diante dos desafios do seu tempo. Fruto de um processo amadurecido ao longo do século XIX — com forte participação dos leigos — a encíclica lança as bases filosóficas e teológicas que orientariam a ação social da Igreja nos séculos seguintes.

Charles Chaplin. "Tempos Modernos", Divulgação. Colorizado por Copilot

O século XIX foi um período de intensa efervescência política: revoluções, lutas sindicais e embates ideológicos explodiam na Europa e nos Estados Unidos. O mundo, abalado por profundas transformações, assistia ao colapso de antigas estruturas sociais. As velhas formas de organização davam lugar a uma nova ordem, impulsionada pelo ritmo acelerado da industrialização, pela substituição de antigos saberes e modos tradicionais de trabalho por outros, orientados pela técnica, pela ciência e pela lógica da produção. As cidades cresciam rapidamente e as antigas formas de associação entravam em declínio.

A industrialização transformou profundamente as relações sociais, dando origem à classe operária, formada por homens e mulheres que migraram em massa do campo para a cidade em busca de trabalho. Lá, enfrentavam jornadas exaustivas, baixos salários e condições precárias. Viviam em moradias insalubres, afetados por doenças, acidentes e exploração do trabalho infantil. Sobreviviam sem qualquer proteção ou direito, à margem de um progresso que construíam, mas não os incluía.

Desde o início do século XIX, católicos como Félicité de Lamennais (1782-1854) e Frederico Ozanam (1813-1853) buscavam soluções concretas para os novos problemas. O bispo Emanuel von Ketteler (1811–1877) foi um dos primeiros a considerar que a miséria dos operários não é apenas uma questão de caridade assistencial, mas uma exigência de justiça.

Nesse cenário de ebulição social e política, Leão XIII (1810-1903) dedicou-se profundamente à questão social. Publicou encíclicas com reflexões sobre temas como a natureza do Estado (*Diuturnum Illud*, 1881; *Immortale Dei*, 1885), o liberalismo e o socialismo (*Libertas Praestantissimum*,1888). Com a *Rerum Novarum*, de 1891, introduziu uma verdadeira novidade: a Igreja se pronunciava de forma estruturada e orgânica sobre a questão social, enfrentando os desafios do mundo moderno e propondo, à luz do Evangelho, critérios para compreender suas causas e formular soluções concretas.

Caridade: via mestra da Doutrina Social. A Doutrina Social da Igreja (DSI) é fruto do encontro do Evangelho, da Tradição e do Magistério da Igreja com as circunstâncias históricas concretas. É uma resposta da fé às realidades sociais, oferecendo princípios de reflexão, critérios de julgamento e orientações para a ação. Embora muitos dos temas e princípios desenvolvidos nas encíclicas posteriores já estivessem presentes na *Rerum Novarum*, a DSI não é um sistema fechado ou estático – é uma reflexão viva, em constante renovação.

Por exemplo, a questão da justa remuneração do operário, tratada por Leão XIII ao afirmar que o trabalho não pode ser visto como mercadoria submetida às leis do mercado, irá posteriormente se ampliar com a reflexão de São João Paulo II na *Laborem Exercens* (1981). São Paulo VI amplia a preocupação com a desigualdade, incluindo as disparidades entre nações e propondo o desenvolvimento integral como alternativa (*Populorum Progressio*, 1967). Diante das novas formas de exclusão, a Igreja a passa a criticar os sistemas econômicos e a defender uma reformulação baseada na solidariedade com as encíclicas *Sollicitudo Rei Socialis* (São João Paulo II, 1987), *Caritas in Veritate* (Bento XVI, 2009) e *Fratelli Tutti* (Francisco, 2020).

Um farol para o nosso tempo. A DSI não apresenta um modelo político ou econômico fechado, não é uma ideologia, nem pretende ser uma «terceira via» entre capitalismo e socialismo. Seu papel é oferecer critérios de discernimento para que as pessoas possam avaliar livremente os sistemas políticos e econômicos. Seus princípios, como o bem comum, a destinação universal dos bens, a solidariedade, a subsidiariedade e a participação, podem ser compartilhados também por não crentes e seguidores de outras religiões. Sempre guiados pela caridade – a via mestra da Doutrina Social – esses princípios despertam a consciência pessoal e social, oferecendo critérios éticos para a ação, e dialogam com todas as pessoas de boa vontade.

Os próximos capítulos da Doutrina Social ainda estão sendo escritos por todos os que seguem Cristo e enfrentam os desafios do tempo presente. Leão XIV será protagonista dessa nova etapa. Assumir esse nome é mais do que um gesto de ousadia, é sinal de certeza na Presença que o acompanha.

* Historiadora e mestre em Filosofia da Educação, ambos pela USP. É professora universitária de Doutrina Social da Igreja

Rerum Novarum: o legado profético da Doutrina Social Católica

Antônio Carlos Alves dos Santos*

Com a Rerum Novarum, Leão XIII não só estabeleceu uma nova fase no pensamento social católico, mas também antecipou as melhores soluções para os problemas sociais do século XX.

Publicada em 1891 pelo Papa Leão XIII, a *Rerum Novarum* (RN) tornou-se um marco no pensamento social católico moderno, refletindo o debate sobre o impacto da revolução industrial nas condições de vida dos trabalhadores. O próprio Leão XIII, em 1877, quando ainda era Arcebispo de Perugia, já havia se pronunciado criticamente sobre as condições de trabalho de homens, mulheres e crianças. Em outros países europeus, cardeais como o inglês Henry Manning (1808–1892), o francês Maurice de Bonald (1787-1870) e o alemão Wilhelm E. von Ketteler (1811–1877) também criticavam o tratamento desumano recebido pelos trabalhadores.

No plano político, esse era o momento em que liberalismo e socialismo, duas correntes ideológicas críticas à Igreja, ganhavam força no debate social e, no caso do socialismo, também no nascente movimento organizado em defesa dos direitos dos trabalhadores. O Papa Leão XIII tinha, portanto, o desafio de oferecer uma resposta tanto ao contexto social conflitivo quanto ao panorama ideológico particularmente hostil ao Cristianismo.

Desde o início, uma síntese integral. No debate católico, já era possível visualizar dois grupos: aqueles alinhados ao pensamento conservador da época, ligados à Escola de Angers (França), e os reformadores sociais da Escola de Liege (Bélgica). Ambos eram críticos tanto ao liberalismo quanto ao socialismo da época, mas diferiam em suas abordagens. Os de Angers tinham uma posição antagônica ao liberalismo político e defendiam uma ação social mais centrada no exercício da caridade e nas organizações sociais, com intervenção limitada do Estado na proteção dos direitos dos trabalhadores. Os de Liege estavam mais abertos às reformas políticas liberais e reconheciam a necessidade de uma intervenção do Estado para a proteção dos mais vulneráveis, apoiando um conjunto de medidas que no futuro seriam o alicerce do Estado de Bem-estar Social.

Neste contexto, a *Rerum Novarum* insistiu na necessidade da "justiça e da equidade" (RN 1) e de que "a justiça seja religiosamente graduada, e que nunca uma classe possa oprimir impunemente a outra" (RN 20). Considera que o Estado deve garantir a justiça nas relações sociais e defender os mais vulneráveis (RN 17-20), porém não lhe cabe sobrepor-se às associações e organizações da sociedade (RN 31). A melhor e mais definitiva solução para os conflitos sociais, segundo a conclusão do documento, encontra-se na caridade (RN 35). Assim, Leão XIII concordou com o grupo de reformadores sociais, sem negar os valores defendidos pelos conservadores.

No campo ideológico, a encíclica se voltou principalmente contra o socialismo e o comunismo, considerando que instigam o conflito social e apresentam uma solução (a propriedade estatal dos bens) que não construirá o bem comum (RN 3 e 7). Contudo, condenou claramente um capitalismo selvagem, que não demonstra nenhm apreço à pessoa humana, tratando-a como outra mercadoria qualquer (cf. RN 2). Leão XIII considera que "a propriedade particular e pessoal é, para o homem, um direito natural" (RN 5) e que o socialismo, ao defender que seja suprimida, "está em oposição fragrante com a justiça" (*Idem*). Contudo, citando São Tomás de Aquino, considera que "o homem não deve ter as coisas exteriores por particulares, mas sim por comuns, de tal sorte que facilmente dê parte delas aos outros nas suas necessidades" (RN 12). Assim, enunciava já o princípio de que a propriedade é um direito, mas que não pode contrapor-se ao bem comum, como explicitado, décadas depois, pelo Concilio Vaticano II e por São João Paulo II (cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, CDSI 176ss).

Mesmo sem vincular a doutrina católica a nenhuma corrente de pensamento em particular, Leão XIII deixou a porta aberta ao que hoje é chamado de liberalismo social, opondo-se tanto ao Laissez-faire quanto à luta de classes e à socialização dos meios de produção como solução aos problemas criados pela revolução industrial.

Caráter Profético e Lições Contemporâneas. A proposta apresentada na *Rerum Novarum* se fundamenta em uma visão orgânica da sociedade, em que trabalhadores e patrões devem cooperar buscando uma solução para os conflitos existentes nas relações de trabalho que seja benéfica a ambos. Para alcançar este objetivo, reconhece a legitimidade das organizações em defesa dos trabalhadores e enfatiza a importância de negociações para evitar greves. O respeito à pessoa dos trabalhadores, expresso em condições de trabalho dignas e salários justos, é o melhor antídoto às greves – ainda vistas com cautela, em razão do risco de violência devido ao discurso socialista de luta de classes.

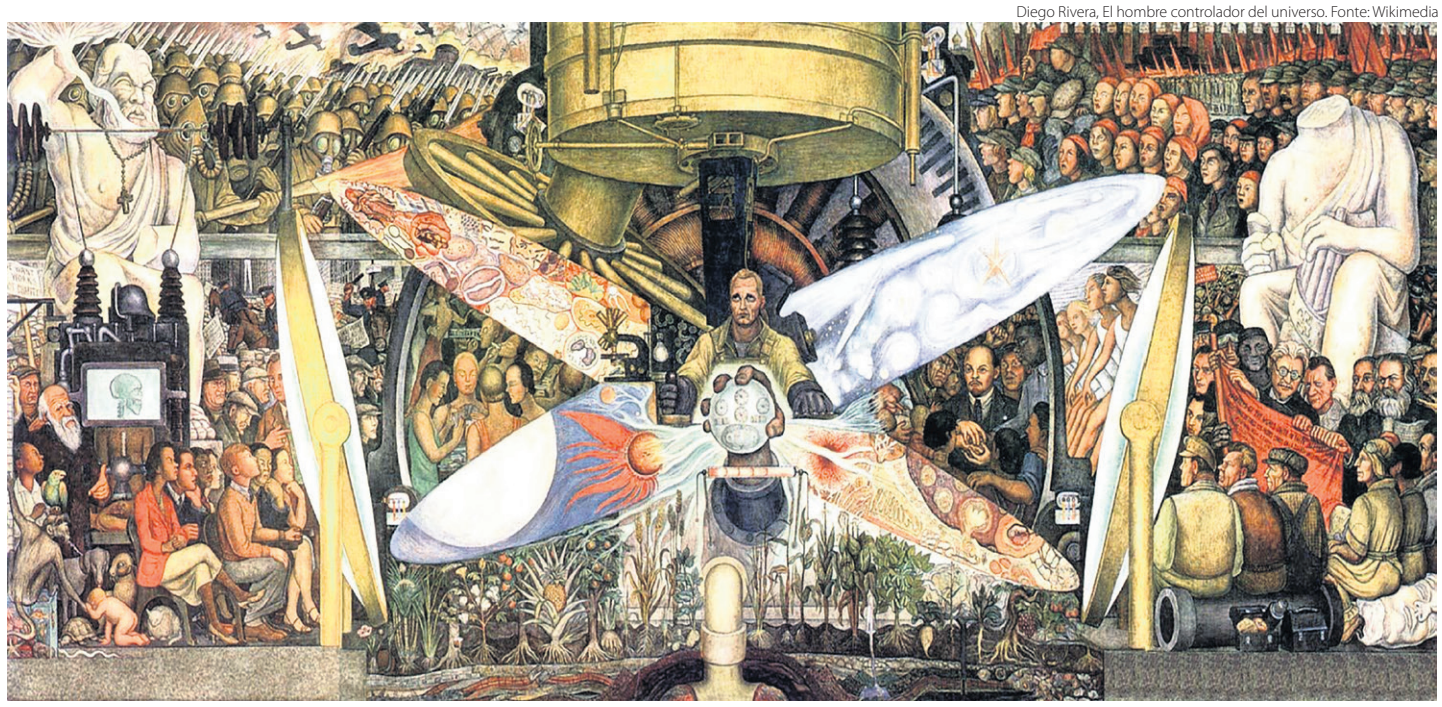
O impacto da encíclica não foi pequeno e pode ser verificado até mesmo nos Estados Unidos, por meio do trabalho incansável do Monsenhor John A. Ryan (1869–1945), teólogo que teve papel importante na aprovação da legislação de combate ao trabalho infantil, salário-mínimo e defesa da negociação coletiva entre trabalhadores e patrões. Estas e outras medidas foram importantes e eficazes na construção de uma sociedade mais justa, moldada aos contornos do liberalismo clássico da cultura política e social norte-americana.

Na Europa, seu impacto foi ainda maior, seja no modelo social-democrata dos países nórdicos, seja na combinação de ordoliberalismo e social-democracia, responsável pela reconstrução da economia alemã após a Segunda Grande Guerra. O elemento comum entre esses modelos é a solução negociada do conflito entre capital e trabalho, e a forte proteção social.

O caráter profético da *Rerum Novarum* é ainda mais evidente quando se compara a performance econômica e social desses países com a experiência do chamado socialismo real do Leste europeu. No primeiro, houve forte crescimento na oferta de empregos, renda e incorporação da grande maioria da população ao mercado consumidor, além da queda na desigualdade de renda. As reformas pontuais do modelo nos anos 1990, com a incorporação de elementos do modelo anglo-americano, não alteraram sua essência: a centralidade do bem-estar da população.

Já o modelo comunista, que obteve sucesso na fase inicial com a redução de pobreza e desigualdade, foi incapaz de manter seu dinamismo com o passar dos anos e acabou entrando em colapso, deixando como legado um enorme custo social e ambiental. A excelente performance econômica e social da China pós-reformas econômicas amigáveis ao mercado confirmam o fracasso do experimento socialista.

Diego Rivera, El hombre controlador del universo. Fonte: Wikimedia



Desafios Futuros. Pensada como resposta a problemas de um momento histórico específico, a *Rerum Novarum* tornou-se ponto de partida para outras encíclicas sociais que, no geral, mostraram-se bastante acuradas nos diagnósticos e sugestões dos problemas por elas analisados. O desafio atual é fazer o mesmo exercício em relação aos problemas contemporâneos, principalmente os que estão por vir em razão das profundas mudanças no mundo do trabalho prometidas pela Inteligência Artificial. O pacto tripartite entre Estado, capital e trabalho, respeitando os direitos e a dignidade deste último, parece ainda ser a melhor alternativa, haja vista os bons resultados apresentados no passado.

* Professor de Economia na PUC-SP.

Da Revolução Industrial à Era Digital, as mudanças sociais desafiam a Doutrina Social da Igreja

Francisco Borba Ribeiro Neto*

Desde a publicação da **Rerum Novarum**, *o mundo passou por várias mudanças. A Igreja Católica também. Cabe a cada um de nós dar continuidade a esta história, naqueles espaços que Deus nos confiou.*

Reprodução da obra Detroit Industry Murals de Diego Rivera

No início do século XX, cerca de 70% da população mundial dedicava-se à agricultura. Nas cidades, mais da metade dos trabalhadores estava na indústria. O setor de serviços era mínimo. Mais de 80% da população global encontrava-se em situação de pobreza extrema, com os mais pobres concentrados na África, Ásia e América Latina. A "classe média" correspondia a menos de 10% da população ativa mundial.

Atualmente, menos de 30% da população global se dedica à agricultura. Nas cidades, para cada trabalhador na indústria, existem dois voltados ao setor de serviços. A pobreza extrema afeta menos de 10% da população e a classe média representa cerca de metade da população mundial. Esse novo grupo social passou a ter maior acesso ao consumo, à cultura e à participação política, modificando padrões de comportamento e expectativas sociais.

A questão trabalhista. Tais mudanças afetaram profundamente as lutas sociais. A primeira metade do século XX viu o fortalecimento dos sindicatos e do movimento operário, acompanhando o crescimento da industrialização. Ambos tiveram papel inegável no surgimento dos Estados sociais, fundamentais para a melhoria das condições de vida da população e para a estabilidade do capitalismo. Nos anos 1950, cerca de 36% da força de trabalho dos Estados Unidos era sindicalizada, três vezes mais do que em 1930; Suécia e Dinamarca tinham cerca de 95% de trabalhadores sindicalizados, Finlândia 85%, Noruega e Áustria acima de 60%, e Reino Unido, Irlanda e Austrália acima de 50%.

A partir da década de 1980, vemos um refluxo do movimento sindical. As causas incluem desindustrialização, avanço tecnológico, globalização, terceirização, maior informalidade no mercado de trabalho, reformas trabalhistas e crises de sustentação dos Estados sociais. Mais recentemente, é a Inteligência Artificial que promete transformar profundamente o mercado de trabalho. Países com maior sindicalização em 2020 incluíam Suécia (65,2%) e Finlândia (58,8%), mas a tendência geral é de queda da taxa de sindicalização. Na Grã-Bretanha, caiu de 50,7% em 1979, para 23,5%, em 2000. Nos Estados Unidos, diminuiu de 20,1%, em 1983 para 10,3% em 2019. Na França, foi de 20%, em 1980 para menos de 8% em 2010. No Brasil, passou de 22%, em 1992, para 17%, em 2013.

A erosão dos valores. Com o Iluminismo, a civilização ocidental desenvolveu, provavelmente como nenhuma outra, a autocrítica. Os intelectuais mostraram as incongruências do pensamento hegemônico; os revolucionários, as hipocrisias dos poderosos; os jovens, o autoritarismo da moral. No século XX, essas tendências se universalizaram, tornando-se mentalidade comum. Em 1926, André Malraux escreveu: "Não há ideal a que possamos sacrificar-nos, porque de todos eles conhecemos a mentira". Esta afirmação anunciava a crise cultural que cresceria ao longo do século XX.

Houve um ponto de virada em 1968. A ilusão utópica de uma ruptura revolucionária contaminava a juventude ocidental. Mas a revolução não aconteceu, ao menos como esperado. O idealismo não morreu, mas reduziu-se. A queda dos regimes comunistas sepultou o marxismo tradicional. Novas bandeiras, como o ambientalismo e a defesa das minorias, ocuparam o lugar das antigas.

A "pós-modernidade" coincidiu com uma sociedade "líquida", na qual os valores tradicionais perderam valor e a liberdade – vista como autonomia absoluta e não como possibilidade de realização plena – se tornou o único princípio universal. Mas isso não responde integralmente ao coração humano. As pessoas ganharam a possibilidade de amar de todas as formas, mas isso não lhes garante um amor que as realiza humanamente.

A sociedade líquida deu origem a uma busca cada vez maior por solidez e confiabilidade, por valores nos quais se pode apostar a vida.

Consolidação e crise da democracia liberal. Após a Segunda Guerra Mundial, a democracia liberal emergiu como modelo político dominante no Ocidente, promovendo direitos individuais, eleições livres e economia de mercado. No entanto, permaneciam problemas mal resolvidos, como o déficit de participação da população, a ingerência dos poderes econômicos, as desigualdades sociais, as dificuldades financeiras dos Estados, os escândalos de corrupção.

Na década de 1970, a crise de estagflação (baixo crescimento e alta inflação), desafiou o modelo econômico vigente, abrindo espaço para o neoliberalismo. Este promoveu a desregulamentação dos mercados, reduziu gastos sociais públicos. Teve sucesso em certas frentes. Contudo, não solucionou os maiores problemas das democracias liberais: não garante justiça social nem um Estado mais virtuoso, subestima a crise climática e continua favorecendo poderosos. A globalização enfraqueceu os governos, reduzindo sua capacidade de resposta aos problemas nacionais.

No século XXI, o mundo testemunhou o retorno dos populismos "iliberais": não defendem regimes autoritários, mas descreem na democracia liberal e suas instituições, incentivando lideranças personalistas que se apoiam em ressentimentos e respostas instintivas, frequentemente agressivas, aos problemas sociais.

As reconfigurações da esquerda. O socialismo e os movimentos de transformação social não passaram ilesos a todas essas mudanças. Não se pode entender a esquerda atual com as mesmas categorias com que se analisa aquela dos tempos do Papa Leão XIII. Uma perspectiva da esquerda presa ao passado não é adequada tanto para aqueles que procuram nela soluções para o presente, quanto para aqueles que desconfiam de sua capacidade de responder aos problemas sociais.

Já o início do século XX estava dividido entre os revolucionários, que abraçaram o comunismo, e os reformistas, que procuraram soluções dentro da ordem capitalista, por meio da social-democracia. Apesar de todo o seu poderio no século XX, o comunismo naufragou, com o fim da União Soviética e com o seu último grande baluarte, a China, adotando, na prática, um sistema econômico de mercado. A social-democracia tornou-se parte da democracia liberal, e passou a compartilhar com ela das mesmas vicissitudes.

A esquerda trabalhista, focada no conflito capital-trabalho, vem sendo substituída por uma esquerda centrada nas lutas identitárias e na defesa das minorias, cada vez mais empenhada nas questões culturais e comportamentais. As reivindicações econômicas não deixaram de existir e ter seu sentido, assim como o combate à fome e a superação das assimetrias devidas à ocupação colonial; contudo, surgiram novas demandas como o reconhecimento da identidade do outro, e antigas questões ganharam novos contornos, como o drama dos migrantes e refugiados. A autonomia do indivíduo, base do pensamento liberal, passou a ser uma das principais bandeiras dessa nova esquerda, sinal inequívoco de um novo tempo, com novos desafios.

O ateísmo militante foi perdendo força, com muitas lideranças de esquerda reconhecendo os méritos da ação social da Igreja, e muitas lideranças católicas buscando um diálogo produtivo com a esquerda. Dos dois lados existem os que aceitam e os que não aceitam esse diálogo como um esforço sincero e bem-intencionado, mas sua existência é um dado de fato que deve ser encarado por todos.

Desafios e respostas da Doutrina Social da Igreja. O século XX foi um período intenso e rico para a Igreja Católica, que levou à realização do Concílio Vaticano II. A Doutrina Social da Igreja, neste período, vem criando critérios de discernimento para os desafios que afligem a humanidade. Não são respostas programáticas, que a Igreja reconhece serem atribuição do mundo laico, mas uma visão da realidade que nasce da caridade, que dialoga com a humanidade de cada um de nós, nascida da experiência da fé.

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do ***O SÃO PAULO***.